

Ricardo Carvalho Calero: ciencia, literatura e nación

cursos_ congresos_ simposios



RICARDO CARVALHO CALERO: ciencia, literatura e nación

Coordinación editorial de:

Carlos Caetano Biscainho Fernandes

Xosé Manuel Sánchez Rei

A Coruña 2011

UNIVERSIDADE DA CORUÑA

SERVIZO DE PUBLICACIÓNS

RICARDO CARVALHO CALERO: ciencia, literatura e nación

Coordinación editorial:

BISCAINHO FERNANDES, Carlos Caetano, SÁNCHEZ REI, Xosé Manuel

A Coruña, 2011

Universidade da Coruña, Servizo de Publicacións

Cursos-Congresos-Simposios, n.º 117

N.º de páxinas: 216

Índice, páxina: 5

ISBN: 978-84-9749-475-5

ISBN: 978-84-9749-771-8 (electrónico)

Depósito legal: C 1033-2011

DOI: <https://doi.org/10.17979/spudc.9788497497718>

CDU: 80: Lingüística. Filoloxía.

811.134.4: Galego.

821.134.4: Literatura galega

Edición

Universidade da Coruña, Servizo de Publicacións

<http://www.udc.es/publicaciones>

© Universidade da Coruña

Distribución

Galicia: CONSORCIO EDITORIAL GALEGO. Estrada da Estación 70-A,

36818, A Portela. Redondela (Pontevedra). Tel. 986 405 051.

Fax: 986 404 935. Correo electrónico: pedimentos@coegal.com

España: BREGÁN. C/ Lanuza, 11. 28022, Madrid. Tel. 91-725 90 72.

Fax: 91- 713 06 31. Correo electrónico: breogan@breogan.org.

Web: <http://www.breogan.org>

Deseño da cuberta: Servizo de Publicacións da UDC

Imprime: Lugami Artes Gráficas

Reservados todos os dereitos. Nin a totalidade nin parte deste libro pode reproducirse ou transmitirse por ningún procedemento electrónico ou mecánico, incluíndo fotocopia, gravación magnética ou calquera almacenamento de información e sistema de recuperación, sen o permiso previo e por escrito das persoas titulares do copyright.

Índice

| | |
|---|-----|
| Nota dos editores | 7 |
| A gramática galega no século XX. O contributo de Carvalho Calero Rosario Álvarez | 13 |
| <i>Auto do prisioneiro</i> nas Mostras de Ribadavia: a recepción cénica da obra dramática de Carvalho Calero no período refundacional do teatro galego Carlos Caetano Biscainho Fernandes | 31 |
| Momentos de memoria persoal e comunal de RCC Carmen Blanco | 49 |
| Carvalho Calero e a lingua galega: coherencia, compromiso e visión de futuro Xosé Ramón Freixero Mato | 67 |
| Pensamento, intervención e ciencia María Pilar García Negro | 87 |
| Ricardo Carvalho Calero, soliloquio contra a desesperanza Francisco Rodríguez Sánchez | 91 |
| O labor universitario de Ricardo Carvalho Calero José Luís Rodríguez | 111 |
| Etapas no pensamento lingüístico de Ricardo Carvalho Calero José-Martinho Montero Santalha | 127 |
| Ricardo Carvalho Calero: planificador da lingua galega Bernardo Penabade Rei | 147 |
| Achegamento urxente á narrativa de Carvalho Calero Henrique Rabuñal | 157 |
| Carvalho Calero poeta: a palabra no exilio Francisco Salinas Portugal | 175 |
| A sociolingüística sobre o galego antes e despois de 1936. O contributo de Carvalho Calero Goretti Sanmartín Rei | 187 |
| O teatro de Ricardo Carvalho Calero Laura Tato Fontaiña | 201 |

O labor universitário de Ricardo Carvalho Calero

José Luís Rodríguez

-Universidade de Santiago de Compostela-

DOI: <https://doi.org/10.17979/spudc.9788497497718.111>



Foi-me solicitado pôr por escrito algumas das reflexons feitas por mim na mesa-redonda que, sob o título «Pensamento, intervención e ciencia», se desenvolveu na Universidade da Corunha dentro das Jornadas *Ricardo Carvalho Calero: ciencia, literatura e nación*, umha feliz iniciativa do Departamento de Galego-Portugués, Francés e Lingüística dessa Universidade em comemoração do centenário do nascimento de quem foi, com justa expressom, *memoria dun século*¹. No entanto, a *sua* Universidade, a de Santiago de Compostela, deixou passar a efeméride sem qualquer iniciativa visível, polo menos significativa, ao respeito. E, no entanto, como é bem sabido, D. Ricardo foi o primeiro catedrático de Lingüística e Literatura Galega dessa Universidade e, em conseqüência, das universidades galegas, entre tantos outros méritos, de todos conhecidos, tanto universitários como extra-universitários. Estranha atitude que, mesmo sem mais dados, seria indício de assintonias entre o Professor e a *alma mater* compostelana, tanto no passado como, pode parecer, a repercutir ainda hoje. Ao longo destas páginas surgirám depoimentos sobre esses desencontros, vistos sob a perspectiva, sempre matizável, de quem começou sendo aluno e acabou por ser colega, colaborador pontual, e, o que mais prezamos, amigo. Assumimos, por princípio, que podam surgir amostras de certa parcialidade, nunca procurada nem desejada, pois *amicus Plato, sed magis amica veritas*. O homenageado, em todo o caso, nom precisaria dela. A sua obra, incontornável, está aí.

1 Título do simpósio que comemorou o 1º decénio do seu falecimento em 2000 (*Simposio Ricardo Carvalho Calero, Memoria do Século*), organizado polo mesmo Departamento, e cujas *Actas*, da autoria de T. López e de F. Salinas Portugal, saírom à luz em 2002. A homenagem de agora, além de corresponder ao centenário do nascimento, coincide também com o 2º decénio da sua morte.

1. Breve antelóquio auto- e heterobiográfico

No livro que coordenamos intitulado *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero* (Rodríguez 2000), tomo I, nas páginas 26-27 e seguintes, assim como 42-54, figuram os dados mais relevantes tanto de ordem biográfica como académica relativos ao período 1965-1980, em que D. Ricardo foi professor em serviço activo da Universidade de Santiago. A ele remetemos, ou a outras obras de parecido teor (p. ex. Montero Santalha 1993: 91-97), para o quadro geral em que inscrevemos estas reflexões. Agora só queremos acrescentar alguns pormenores pessoais, interpretações ou até valorizações sobre o seu trabalho e/ou posicionamentos, sempre com o necessário, por mais que difícil, distanciamento que impom a letra escrita.

Em 1965 principia o labor docente de Carvalho Calero na Universidade de Santiago, no mesmo ano, aliás, em que o autor destas linhas iniciava o seu percurso discente em idêntica instituição e centro. Casualmente nesse distante 1965 tomava posse, como catedrático de Filologia Románica, um professor asturiano, Constantino García González, cujos passos se haviam de encontrar com os dos anteriores em diversas ocasiões. Em 1972, Ricardo Carvalho Calero obteve a cátedra de Lingüística e Literatura Galega; oito anos depois, em 1980, dava passagem à jubilação como professor universitário. No início da década de 70 começava, por outro lado, a nossa docência universitária...

No ano académico 1969-70 fomos aluno do Professor Carvalho nas matérias de Língua e Literatura Galegas e de Literaturas Románicas. Também de Filologia Románica II, cujo titular, o Dr. Constantino García González, me ofereceu a possibilidade de ficar no seu Departamento como encarregado da cadeira de Literatura Portuguesa que era matéria opcional para os alunos de Filologia Románica, tanto da secção de Espanhol como de Francês. Apesar de ter passado alguns anos no Departamento de Espanhol, onde leccionei diversas disciplinas, sempre estive ligado, dalgumha forma, ao Departamento de Filologia Románica, pelo menos até 1976-77, pois o orientador tanto da minha tese de licenciatura como da de doutoramento era o Prof. García González. Tanto ele como Carvalho Calero formaram parte dos respectivos júris, e em consequência da sua apreciação altamente positiva. Em 1976-77 passamos, na qualidade de Professor Agregado Interino de Filologia Galaiço-Portuguesa, para o Departamento de Galego, chefiado por D. Ricardo Carvalho Calero. Mau grado D. Ricardo passar à reforma académica em 1980 continuei no mesmo departamento, agora comandado pelo seu sucessor, o Prof. Ramón Lorenzo Vázquez, até a aparição do Departamento de Filologia Galega, transformação do anterior motivada pela irrupção da L.R.U. [Lei de Reforma Universitária] de 1983,

que acabou por incluir nele as «áreas» de filologías galega e portuguesa, filología románica, filología catalá. Assim, já nesse novo marco legal, e nos subseqüentes, até à actualidade.

Dentro dos citados departamentos, colaboramos, como era lógico, nalgumas actividades marcantes da esfera de cada um. Para o sentido da minha intervenção nesta mesa-redonda, baste citar que participei nalguma sessão dos métodos de *Galego* do Instituto da Língua Galega, ou que assistim a reuniões para as *Bases* (ILG 1977), ou ainda que, em 1979, fum membro das Comissions de Lingüística [secretário] e de Toponímia da Junta de Galiza, ambas presididas por Ricardo Carvalho Calero...² Naturalmente, fum observador, e observador cada vez mais interesado e interveniente, de muitos outros actos e actividades académicas e culturais, que decorrêrom nessa década agitada de 70, em que D. Ricardo regeu a Cátedra e se operou a transiçom política do franquismo para a democracia e o Estado das Autonomias.

2. Carvalho Calero na Universidade de Santiago

Como acabamos de assinalar, Carvalho Calero enceta em 1965, ja cinquentom, a sua docência na Universidade de Santiago, em condiçoms minimalistas³, o que nom impediu que a considerasse a sua casa natural e lhe dedicasse, em conseqüência, umha dedicaçom total de neófito, bem visível tanto no âmbito da docência, como da investigaçom, e até da gestom e da representaçom.

Para melhor podermos comprender o papel desempenhado por Carvalho na Universidade e as suas possibilidades de actuaçom seria preciso evocar o contexto sócio-político da última década do franquismo e o seu reflexo na nossa Universidade. Umha universidade hierarquizada, politicamente correcta, à qual Carvalho Calero acede pola porta lateral de umha disciplina mamente tolerada por considerarem-na as autoridades, no fundo, como desnecessária ou até perturbadora. A folha de serviçoms do novo professor, democrática e galeguista, tampouco supunha umha boa

2 Tratou-se de umha iniciativa de Alejandro Fernández Barreiro, Conselheiro de Educaçom da ainda *Xunta Preautonómica*, que encarregou Carvalho Calero da formaçom dessas duas comissions, a primeira das quais elaborou umhas *Normas Ortográficas do Idioma Galego* publicadas em 1980.

3 O director da, nessa época, Faculdade de Filosofía e Letras, Abelardo Moralejo, encarregara-lhe as aulas de Língua e Literatura Galegas nesse centro, «Remuneradas dunha maneira tan insignificante que don Abelardo Moralejo dicía que lle daba vergoña dicirme a cantidade de que dispuña neste caso» (Blanco 1989: 40).

carta de apresentação⁴. Com estes condicionantes, a margem de manobra de Carvalho na Faculdade, e na Universidade, nom podia deixar de ser mínima, se bem que seja certo que a situação foi melhorando tanto de *status* universitário (catedrático desde 1972) como no plano docente da Faculdade: desde 1976-77 conta com umha subsecçom de Filologia Galego-Portuguesa (dous anos ao todo, dentro da secçom de Filologia Románica: Espanhol). Dirige também um *micro*-departamento (se o compararmos com o de Filologia Románica, por exemplo). No entanto, a jubilaçom ou reforma (setembro de 1980), num momento sensível do contexto universitário e galeguista, gorou alguns projectos e deixou a meio caminho outros.

3. O labor docente de Ricardo Carvalho Calero

O labor universitário dum professor analisa-se hoje, a efeitos burocráticos, polas vias da docência, da investigação e da gestom. Pondo de parte esta última, por menos interessante, e para a qual Carvalho nom possuía especial vocaçom (ainda sendo, no entanto, vice-decano nalgum instante, e chefe de departamento, evidentemente⁵), atendeu-na por um critério de cumprimento do dever. Esta disposiçom para o serviço, para o dever (com a Universidade, com a sociedade...), acho que explica muitas pretensas «escolhas» de Carvalho. No âmbito concreto da funcionarizaçom, o exemplo de D. Ricardo foi o de atender os compromissos inevitáveis com correcçom, e até com correcçom exemplar, entre outros aspectos para evitar umha imagem negativa dos/nos docentes de galego, língua que reunia já em si, mais ainda na altura, demasiados desprestígios, preconceitos e incompreensions. Os apóstolos do idioma, no credo carvalhiano, deviam ser modélicos, inclusive nas tarefas administrativas, para que nada obstasse à difusom social do idioma que nos identifica⁶. Ele foi-no na medida das suas forças.

Outra tarefa, para além da de gestom, associada intimamente ao estatuto do professor universitario, é a que podemos chamar de extensom cultural. Carvalho também

4 Em Blanco, C. (1989: 44), D. Ricardo lembra que os estudos dos idiomas periféricos no Estado tinham «mala prensa», acrescentando ainda com modéstia: «Posibelmente a miña persoa oferecese tamén, a certas autoridades, reservas».

5 «Nunca quixen ocupar cárregos na gobernancia da Universidade, ainda que non se deixou de tenderme maos nese sentido, e **se fun durante certo tempo Secretario e Vicedecano da Facultade, foi para evitar ser Decano**, para liberarme de ocupar outros cargos para os non me considero capacitado porque non teño vocación» (Blanco, C., 1989: 60 [negrito nosso]).

6 E para aproveitar todas as oportunidades e espaços, administrativos incluídos, para divulgar a nossa língua e cultura («Se é para falar do galego, eu vou aonde me chamem», costumava dizer D. Ricardo, e de facto era assim...).

foi modelar nesta perspectiva, pois sabe-se que aceitava com facilidade convites para dar conferências sobre língua ou literatura galega (em tribunas da mais variada ideologia, sempre que abertas, potencialmente, à cultura do País), prólogos de obras, mesmo das mais humildes, actos de intervenção pública (era um excelente orador...), etc. Sabido é que nom tinha carro próprio, mas isso pouco o limitava. Assim, nom tendo sido propriamente um investigador de campo, percorreu toda a Galiza, que aliás conhecia bem, levando a sua palavra e a sua sabedoria.

A nível docente, partindo do formato da lição magistral, dominante na época, as suas aulas nom só eram magistrais pola segurança nos conteúdos, pola transversalidade dos mesmos, pola brilhante exposição, pola amplitude e actualização das fontes bibliográficas..., também polo seu quinhom de parte prática. Se bem que racional ao máximo, mas gostando do período longo, mesmo longuíssimo, sem que nunca perdesse o fio argumental⁷, a sua brilhantez por vezes prejudicava a recepção dos conteúdos por parte dos alunos menos dotados, habituados a prédicas professorais mais humildes, ainda que, com o hábito, a situação melhorava. Ao pouco tempo, despertava nos discentes admiração e tentativas de imitação.

Como aluno de Língua e Literatura Galegas e de Literaturas Románicas de D. Ricardo lembro práticas de gramática histórica do galego (disciplina inexistente na altura, algumas vezes roçada por comparatismo noutras cadeiras), análise e tradução de trechos da *Antífona da Cantiga*, de R. Cabanillas; o mundo das líricas trovadorescas, galego-portuguesa e provençal, com presença insistente dos contributos críticos italianos, desconhecidos praticamente na biblioteca da Faculdade... Em contrapartida, lembro com menos nitidez a parte do programa relativa a literatura galega moderna, enquanto lista interminável de nomes e obras, para mim na altura totalmente desconhecidos, em pouco tempo, com ausência de práticas...⁸ O objectivo desse enfoque fora, provavelmente, o de dar sensação de riqueza autorial, de continuidade no cultivo da mesma, para, sem dúvida, prestigiar a matéria aos nossos olhos...

7 Nas teses, a intervenção de D. Ricardo, amiúde o primeiro ou dos primeiros em falar, impunha no tenso candidato aguda impaciência, ao nom conseguir este adivinhar, após os primeiros períodos do discurso do Professor, o sentido positivo ou negativo por que ia enveredar a sua avaliação. Temor de regra infundado: poucas eram as avaliações negativas, formuladas em todo caso com a máxima cortesia e delicadeza.

8 Porém, lembro com nitidez que nos trouxe R. Otero Pedrayo a uma aula, o qual nos dirigiu umha brilhante dissertação, de que recordo o metaforismo continuado e prolongado, mas nom o conteúdo da mesma...

Para finalizar este ponto, queria evocar umha anedota, que pode pôr de manifesto a modernidade pedagógica, ou a abertura mental de D. Ricardo a praxes inovadoras. Ao final do ano, chamou ao seu gabinete um colega (hoje catedrático da Universidade de Santiago) e a mim próprio, por separado, para perguntar-nos a quem daríamos nós a matrícula nessas duas cadeiras que leccionava... E acho que nos fiço caso.

Como foi evoluindo a sua concepção prática da língua ao longo dos anos, seria pertinente interrogar-nos até que ponto se reflectiam nas aulas essas mudanças. Sem ter sido já, como aluno, testemunha directa disso, creio poder afirmar que nom passou de aplicar nas mesmas o que começou a chamar-se, na altura, os «mínimos reintegracionistas»⁹, deixando para as publicações os «máximos» (também os «mínimos» e os «médios»), e modulando a escolha conforme o meio (editorial, jornalístico...) em que se inserissem ou a instância a que forem endereçadas.

4. A investigação na/da Cátedra

Chegado ao púlpito universitário com o entusiasmo juvenil, mas também com a maturidade dos anos, Carvalho Calero despregou umha intensíssima actividade investigadora, solicitado nom só pola dinâmica da Universidade em si, mas ainda por um campo em que nom havia materiais pedagógicos ou nom eram acordes com um nível universitário digno, salvo, praticamente, aqueles poucos provenientes da sua própria lavra. Se deitarmos umha vista de olhos à produção investigadora de Carvalho na quinquena anterior à da Universidade (1965-1980), quer dizer, na estadia em Lugo no Colégio Fingoi (1950-1965), verificamos que, por muito produtiva que fosse a diversos níveis, que o foi, só publicou obras referidas a história e crítica literária galegas, como a ímpar *Historia da literatura galega contemporánea* (1963), com outros complementos nom menos valiosos¹⁰, mas nada de literatura medieval, ou especificamente de língua, ou de «filologia lingüística». Destarte, nom surpreenderá comprovar que a sua produção científica no período universitário em activo

9 Tal como aparecem formulados na 7ª edição [1979] da sua *Gramática*, quer dizer, o uso da nova acentuação, do hífen com as formas enclíticas dos pronomes, um léxico mais tendente à harmonização com o português, e pouco mais. O que nom acontece, com segurança, antes do surgimento da subsecção de Filologia Galego-Portuguesa (1976-77).

10 *Sete poetas galegos*, 1955; *Aportaciones a la literatura gallega contemporánea*, 1955; *Contribución ao estudo das fontes literarias de Rosalía de Castro*, 1959 [discurso de ingresso na R.A.G., de 1958]; *Versos ñorados ou esquecidos de Eduardo Pondal*, 1961; *Rosalía de Castro, Cantares gallegos*, 1963; junto com muitos sábios artigos publicados em revistas como *Cuadernos de Estudios Gallegos* ou, desde a sua aparição (1963), *Grial*...

(1965-1980) está, em boa parte, em função das exigências universitárias ou como resposta a dinâmicas universitárias, de que som exemplo a *Gramática elemental del gallego común* (1966), ou as *Particularidades morfológicas del lenguaje de Rosalía de Castro* (1972), mas também os três volumes de *Prosa galega*¹¹, entre outros textos. A autoexigência de Carvalho como professor universitário, e como primeiro catedrático de galeguística, levou-no mesmo a subordinar a sua obra criativa à investigadora e até, dentro daquela, a cultivar, por razões de oportunidade, mais uns géneros que outros.

Quando deixa o serviço activo, em 1980, nom é para passar à inactividade mas para umha sorte de actividade paralela tam produtiva, em termos de publicações, ou mais que a anterior, tendo igualmente como alvo o sector universitário e o leitor galego, preferentemente galeguista, em geral. Carvalho Calero propriamente nom se jubilou, antes pareceu recuperar umha espécie de dinamismo juvenil que o mantivo enormemente actuante até ao falecimento (1990).

5. Linhas de pesquisa. Contributos

Queremos sublinhar aqui, neste contexto, o que se poderia chamar investigação indirecta, tam pouco valorizada amiúde e de tanta importância, como é a dedicação a futuros investigadores, ora em trabalhos de aula, ora em teses ou tesinhas. Neste sentido, pese a um percurso universitário curto, e à falta de umha licenciatura específica que fosse manancial de alunos, a actividade de Carvalho foi notável: orientador de cinco teses de doutoramento e de dezasseis teses de licenciatura, apesar de os possíveis orientandos poderem optar por outros doutores e/ou outros departamentos (o de Filologia Románica, por exemplo). Os temas tratados, a literatura galega, a língua dos seus escritores (López Ferreiro, Manuel Antonio, Pimentel... os Séculos Obscuros), a lingüística galega, edições críticas, até o pronome pessoal no *Roman de la Rose*¹².

Quanto à ampla e variada investigação directa, para que estava especialmente dotado e preparado, tanto no campo da língua como da literatura, a primeira inseria-se dentro da tradição da hispanística menéndez-pidaliana e da romanística de âmbito

11 I (*Desde os primeiros oitocentistas ao grupo NÓS*), 1976; II (*Dos novecentistas aos nosos días*), 1978; III (*Da época trovadoresca ao neoclasicismo*), 1980.

12 Cfr. Rodríguez (2000, I: 29-30), onde figuram as teses de Méndez Ferrín, Herrero Figueroa, Marco López, Dobarro Paz e Otero Sande, e as tesinhas de C. Noya, C. Casares ou A. Figueroa, entre outras.

peninsular, sem que lhe fossem alheias para nada as correntes estruturalistas, de actualidade no período da sua actividade universitária. Igualmente na literatura, ia da retórica de Lausberg ao idealismo de Dámaso Alonso ou à morfologia do conto de Propp (lembro no seu gabinete nom sei se a série completa, mas muitíssimos livros da colecção «Biblioteca Románica Hispánica» da Editorial Gredos). Intelectual de gabinete, se bem que fosse grande acarretador de dados (para a história da literatura, para a sua gramática do galego comum), que lhe chegavam de diversas partes, nom foi porém investigador de campo (v. gr., nom dirigiu teses de doutoramento ou de licenciatura sobre «falas»). Seria pedir-lhe demais.

O Prof. Ramón Mariño (2002: 72), num texto referido à *Gramática* de Carvalho Calero, assinala que nom foi um lingüísta especializado, um especialista nalgumha parcela determinada do saber lingüístico:

Non o foi, entre outras razóns, porque nunca quixo selo, porque as súas inclinacións intelectuais non eran as dun técnico, senón as dun humanista, e porque os tempos en que se formou universitariamente, e aínda aqueles en que desenvolveu boa parte do seu labor profesional, non foron tempos en que en Galicia fose posible tal especialización

Retemos a primeira afirmação do autor: «**Nom o foi, entre outras razóns, porque nom quijo sê-lo**», e inclusive a segunda: «**porque as suas inclinacións naturais nom eram as dun técnico, senom as dum humanista**». Carvalho Calero nom foi um lingüísta especializado porque o seu campo de acção era a língua, a literatura, a cultura da Galiza, e nom podia consagrar o seu tempo a umha pequena parcela destes saberes quando o contexto, a sua responsabilidade e o compromisso para com o País o empurravam a debruçar-se ao mesmo tempo sobre todas essas disciplinas. A sua ampla preparação, inteligência e capacidade de trabalho podiam superar as dificultades estruturais com que se topou, de forma que nom foi lingüísta especializado, ou crítico literário especializado, só no sentido de que, solicitado por tantas urgências, nom concentrou toda ou a maior parte da sua actividade numha única disciplina ou parcela (v. gr. a gramática histórica, a ecdótica ou a fonologia), nom no sentido de que a sua aparelhagem técnica fosse deficiente ou insuficiente. Mas é claro que essa abrangência da sua obra o obrigou a concentrar a sua atenção mais na aplicação ao campo galego das teorias gerais, lingüísticas ou literárias, do que no aprofundamento em si dessas mesmas formulações, o que nom exclui por vezes matizes originais nos supostos teóricos de partida. Ou que descurasse, levado por um hipotético dom ensaístico, os passos e os axiomas de uma pesquisa propriamente científica, umha espécie de «protocolo universal» da investigação. A actualização

bibliográfica da sua *Gramática*, edição após edição, é significativo por exemplo desse prurido de autêntico investigador.

Nom nos resta sombra de dúvida que o grande contributo de Carvalho Calero, no plano lingüístico¹³, foi o de iniciar um processo de **depuração da língua literária da altura**, a começar pola sua própria língua literária, o que achamos de extraordinário mérito, tanto do ponto de vista humano como do de País. Com efeito, que um intelectual galeguista consagrado, situado no zénite de instituições como, entre outras, a Universidade ou a Real Academia Galega, pugesse em dúvida a conformação da língua literária levantada até à altura, com o esforço de tantos no passado e no presente, incluído sobremaneira ele próprio, arriscando na previsível incompreensão o seu indiscutido prestígio, e a umha idade já propecta, só pode ser digno de admiração, se foi fruto de umha sólida análise dos factos. Ousadia, utopia, loucura¹⁴..., tarefa hercúlea, em todo caso, mas, com os olhos actuais, indispensável. Processo que o conduziu ao reintegracionismo¹⁵, como é notório, formulado por Carvalho até à saciedade, nos últimos quinze anos de vida, especialmente após a sua jubilação (1980), pois o Professor acreditava na «possibilidade de rectificar a história», e mantinha a esperança de que assim acontecesse. O tema do reintegracionismo, mas nom só, que o enfrentou a muitos dos seus pares, universitários, académicos, intelectuais..., e que permanece até hoje como *problema*, obstando ainda, sem discussom, à consolidação de Carvalho Calero e a sua obra como referente inescusável da cultura galega do séc. XX, e ao reconhecimento institucional da sua figura nas dimensões em que deveria ter sido já efectuado...

13 No plano da investigação literária, é consensual que esta, no campo da literatura galega, só existe com e a partir da obra de Carvalho Calero, nas dimensões focalizadas para outras literaturas.

14 No sentido criativo pessoano, presente, por exemplo, nos conhecidos versos postos em *Mensagem* (1934) na boca do rei D. Sebastião: «Sem a loucura que é o homem / Mais que besta sadia, / cadáver adiado que procria». Houvo quem aplicou o termo a Carvalho Calero, mas em sentido clínico. Veja-se, por exemplo, o texto de Marco, A. (2002: 317).

15 «O reintegracionismo é umha restauração, e canto maior seja a consciência histórica, mais receptividade atopará. A um povo privado durante muitos séculos do ensino da sua própria língua, é doado apresentar-lhe como alheio o que é próprio, e como próprio o que é alheio. Se eu escrevo *próprio*, como, por outra parte, aparece tamém em (sic) Rosalia, será fácil dizer que escrevo em português. Se eu escrevo *dizer*, como ainda se di por alguns galego-falantes espontâneos, e como diziam os nossos avós em muitos sítios, será doado acusar-me de lusismo. Mas a alternativa é o castelhano (...)» («Normalização e reintegração do galego», *La Voz de Galicia*, 21/06/1979. Incluído em Carvalho Calero, R. (1983: 133-134), por que citamos).

Sem pretender incidir no assunto, nom focalizado expressamente nesta mesa-redonda, gostaríamos de sublinhar que o tema da língua literária, e conceitos análogos como o de língua culta, padrom ou *standard*, e a sua escrita, preocupou Carvalho Calero desde cedo. Decerto desde os seus inícios literários, sob o magistério dos homes de *Nós* e do *Seminário*. Depois, no evoluir da sua consciênciã de escritor. Mas, enquanto investigador, desde a análise da língua dos escritores presente na sua História da Literatura Galega¹⁶. É só ensinar na Universidade e aumentar a incidência desses temas (e nom apenas, estamos convictos, polas necessidades do ensino universitário mas ao mesmo tempo para oferecer à sociedade galega um código coeso, capaz de a servir e de concorrer com a língua do Estado), principiando polo de níveis de língua e passando aos princípios que devem orientar a construçom do padrom. Assim, de 1966 é o texto seguinte:

O galego real e o galego ideal terían ambos a sua ideoloxía. Non son comparmentos estancos, e inflúense muturamente a pouco que o pobo se illustre e o escritor se sinta integrado no pobo. Pero nunha realidade histórica determinada, non coinciden absolutamente, i é inútil que pretendamos resolver a distinción suprimindo un dos termos da mesma¹⁷

O tema das duas modalidades básicas de galego evidentemente o preocupava. Em 1969, em «Sobre os dialectos do galego», expressa a convicçom de que chegou o momento da elaboraçom de um galego «comum», «axeitado para a espresión artística e científica, que aproveite e supere a riqueza e as limitacións das falas locás»¹⁸. E continua:

Pero so agora estamos en condicións de acometer con éxito esa empresa. Os nosos devanceiros perderonse ás veces na **arbitrariedade** e na **inconsecuencia por información defeituosa** ou interpretación apresurada da galego histórico e do estado actual do idioma falado. Os seus esforzos merecen, secomasí, o máisimo respeito. Mais, se cadra, o **proído de diferencialismo**, o sentimento de que tiña de ser defendida a enxebreza do galego defronte aos **esotismos** que invadían a sua xenuina persoalidade, conduciunos a solucións dos problemas pranteados, que miazaron **afastar demasiado a**

16 «Que a preocupaçom pola análise do instrumento lingüístico foi *in crescendo* na vida de Carvalho Calero pode observar-se nos seus estudos de crítica literária. Vemos aí que, ao realizar a análise literária dos diversos autores, introduz com freqüência algunhas referências à língua por eles empregada (...). Cfr. Montero Santalha, J.-M. (1993:174-175).

17 «Galego real e galego ideal» (1966), incluído em Carvalho Calero R. (1992: 32-34), p. 33.

18 Em *Grial*, nº 23 (janeiro-março 1969), pp. 1-15. Depois em Carvalho Calero, R. (1971: 211-288), com o título de «Modalidades do galego». A citaçom corresponde às pp. 12-13 e seguintes (ou 225-226 e ss. do livro citado). Os negritos, nossos.

lingua literaria da lingua popular. Mais aquela debe ser unha sublimación desta, se non queremos crear no noso pobo unha segunda discriminación linguística (...). **Para a existencia dun galego ideal facíase preciso o coñecemento previo do galego real.** Para a promoción do galego escrito era preciso o estudo sistemático do galego falado

Julgava que os tempos eran chegados porque: «Hoxe temos unha sección de Filoloxía Románica na Facultade de Filosofía e Letras da Universidade de Santiago. Trabállase na descrición dos falares locás [...]». Com efeito, preludiado polos inquéritos dialectais realizados polos alumnos na cadeira (e Cátedra) de Filología Románica, principia o ambicioso estudo das modalidades diatópicas galegas que haveria de conducir, andados os anos, ao levantamento do Atlas Lingüístico Galego (1990¹⁹). Por isso, o trecho anterior, quanto ao diagnóstico, imaginamos que podería ser assinado perfectamente polos estudiosos do Instituto da Língua Galega [I.L.G.], que em breve iría ser fundado [1971], mas Carvalho avisa a seguir, precautoriamente, sobre unha possível hipervalorización do dado dialectal:

O galego non é só custión para os dialectólogos. Non se poden coleccionar dialectos como os monxes bizantinos coleccionaban herexías. Se o interese científico se esgota na descrición metódica do idioma, éste transcende da categoría de ouxeto de estudo, configurándose como estormento de política cultural

E acaba este importante artigo, que implica unha clara tomada de posición perante o labor dos dialectólogos, da seguinte forma:

O feito de que un vocábulo sexa descoñecido nunha área determinada, non significa que non esté en uso noutra determinada área. **E non hai dúbida que unha lingua literaria pode e debe arrecadar os seus elementos de onde queira que os atope. Alén desto, o arcaísmo e o neoloxismo poden ser oportunos,** e máis nunha lingua literaria que foi interrompida no seu desenrolo natural por circunstancias históricas. O estudo dialectolóxico ten que rexistrar feitos, pero a creación literaria ha percurar valores. Toda ciencia é positiva, toda arte é idealista. **Os dialectólogos han inventariar o capital lingüístico do pobo galego. Os escritores han invertir ese capital coa liberdade e a prudencia que a súa responsabilidade require**

Pedimos desculpa polo comprimento das citações, mas achamos que espelham conceptions do idioma que estarán na base das futuros desencontros entre Carvalho Calero e os dialectólogos do Instituto da Língua Galega. Carvalho parte da tradición escrita que deve pôr-se ao día com base nas variedades locais vivas²⁰ para evi-

19 Vol. I. Vol. II (1995), III (1999), IV (2003), V (2005). Já contemplado como objectivo em 1974.

tar um afastamento excessivo, de teor diglósico, mas sem perder a própria essência. Os pesquisadores do ILG partem das realidades orais mais generalizadas com alguns enxertos, poucos, no início, da língua dos escritores. O resultado seria um idioma demasiado ruralizante²¹, e castelhanizante, que nom podia tornar-se, sem mais apurada selecçom ou critério superior, em língua dos livros, em língua padrom. A evoluçom posterior destes pontos de partida produziu-se no sentido de os seus pontos de chegada se aproximarem enormemente (questons ortográficas à margem).

Outro elemento fundamental no distanciamento entre ambos os enfoques a respeito do galego escrito foi a irrupçom do português e a diferente valorizaçom que o seu papel merecia a uns e a outros, valorizaçom que também foi evoluindo com o tempo. Divergem já no inicio a respeito do vínculo lingüístico entre «galego» e «português»²², mas ainda muito mais na incidência prática que o segundo deva ter no primeiro. A apariçom em sociedade do português, como factor polémico, surge com o célebre artigo de M. Rodrigues Lapa, publicado em 1973 na revista lisboeta de *Colóquio/Letras* e reproduzido na viguesa *Grial*²³, mas como elemento prático na codificaçom do galego tem peso específico já nas *Bases* (1977). Nos trabalhos de Carvalho Calero, o contributo português adensa-se polo menos a partir da 7ª edição da sua *Gramática* e, mais explicitamente ainda, a partir de *Problemas da*

20 Para além de múltiplos trabalhos a focalizarem o problema em termos gerais (tipo «A liña do galego literario», 1972, ou «La constitución del gallego como lengua escrita», 1974), pense-se, por exemplo, nas suas monografias sobre «esgrêvio» (1976), sobre «dizer/dezer» (1978), entre outros, com vista a devolver à língua a sua autêntica face, adulterada «como conseqüência da precariedade que rege a vida do idioma...»

21 Este adjectivo parece ter sido mesmo utilizado por Carvalho para qualificar a língua dos métodos *Gallego 1, 2, 3*, publicados polo Instituto da Lingua Galega (1971, 1972, 1974 respectivamente).

22 Enquanto em *Gallego 3* (1974: 82) os seus autores se declaram «antilusistas», do ponto de vista lingüístico, e nas futuras Normas (*ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*) da Real Academia Galega-Instituto da Lingua Galega (1982), é de inspiraçom institutista a afirmaçom doutrinal de o português ser «umha língua irmã mas diferente» do galego, Carvalho Calero nunca deixou de afirmar, umha e mil vezes, com maior ou menor intensidade, a unidade lingüística galego-portuguesa. Por exemplo, em «Algunhas pegadas de Guerra Junqueiro nas literaturas hispánicas» (1967, em Carvalho Calero 1971: 101-111), ao apontar a debilidade do relacionamento entre escritores galegos e portugueses, comenta que é «un feito aberrante, xa que o estormento lingüístico utilizado por ambas comunidades é sustancialmente o mesmo» (em Carvalho Calero 1971: 104). Em «Sobre os dialectos do galego», de 1969, sintetiza: «Desde un punto de vista propriamente filolóxico, inda hoxe debemos falar de galego-portugués. Galego e portugués modernos non son senon duas ponlas do vello tronco común, o romance medieval bifurcado ao xeito dunha oliveira» (Carvalho Calero 1971: 214).

23 «A recuperaçom literária do galego», *Colóquio / Letras*, nº 13, 5-14; *Grial*, nº 41, 278-287. Mais tarde inserido no seu livro de 1979, *Estudos Galego-Portugueses* (Lisboa: Sá da Costa, 53-65).

língua galega (1981). Mas este tema, fulcral, a que dedicamos páginas algures, escapa ao escopo desta intervenção, demasiado prolongada já.

De todas as maneiras, nom queríamos findar sem sintetizar que na conformação desse galego culto almejado por Carvalho Calero, os contributos da dialectologia som, evidentemente, estimáveis, assim como os contributos do galego histórico, mas acho superior na sua concepção o papel do português, como instrumento de validação das formas antigas, ou de priorização das formas dialectais, ou de confirmação das formas literárias herdadas, ou como fonte de todo o tipo de neologismos. Isto explica em Carvalho a rápida evolução do seu modelo lingüístico, quer dizer, da sua prática lingüística, levando a teoria à prática desta vez sem vacilações, na procura de um modelo de padrom apoiado na solidariedade, na transparência, na permutabilidade com o lusitano, ou melhor com o luso e o brasileiro, que mantinha o essencial da tradição literária galega, inclusivamente medieval, e ao mesmo tempo estava, curiosamente, em muitos aspectos, mais próximo da língua popular actual²⁴.

Para efectivar o modelo de galego assim alicerçado, Ricardo Carvalho Calero viu-se obrigado a desenhar as linhas mestras de umha sociolingüística galega, ou, melhor ainda, de umha política lingüística acorde com os objectivos de normalização integral do idioma que visava. Ao longo dos seus livros ensaísticos de tema lingüístico, existem formulações mais ou menos parcelares, suficientes porém, do que deveria ser umha **política lingüística** (inclusive com esse mesmo título) para este País, para que o seu idioma atingisse a plenitude funcional para a coesom interna e a comunicação a escala internacional, por meio de umha pedagogia sempre atenta à receptividade social, mas nunca inteiramente escrava dela.

Por isto, por tanta e tam importante obra feita, e pola obra ainda sem cumprir, mas desenhada para a sua efectivação, Ricardo Carvalho Calero é umha figura irrepetível, destinada a permanecer viva na consciência de todos os galegos, dos tempos presentes e dos tempos vindouros, a quererem florir na sua/nossa língua.

24 A língua literária de Miguel Torga está mais próxima dos usos orais galegos (nos aspectos gramaticais e léxicos) do que a de Otero Pedrayo, por pôr um exemplo. Construída a língua do primeiro sobre a mesma base medieval que a do segundo, e tendo incorporando estrangeirismos parecidos ao longo dos séculos, mas muito mais isenta de castelhanismos e de arbitrariedades, nom deve surpreender que assim seja .

Referências bibliográficas

- Blanco, C. (1989): *Conversas con Ricardo Carballo Calero* (Vigo: Galaxia).
- Carballo [= Carvalho] Calero, R. (1971): *Sobre lingua e literatura galega* (Vigo: Galaxia).
- Carvalho Calero, R. (1983): *Da fala e da escrita* (Ourense: Galiza Editora).
- Carvalho Calero, R. (1992): *Umha voz na Galiza* (Santiago de Compostela: Sotelo Blanco). Póstumo.
- ILG = Instituto da Lingua Galega (1977): *Bases prá Unificación das Normas Lingüísticas do Galego* (Santiago de Compostela/Madrid: Universidade de Santiago de Compostela/Anaya).
- Marco, A. (2002): «O professor, o mestre, o amigo, evocaçom saudosa», em López, T. & Salinas Portugal, F. (eds.), *Actas do Simposio «Ricardo Carvalho Calero, Memoria do Século»* (A Coruña, 2000), 309-320 (A Coruña: Departamento de Galego-Portugués, Francés e Lingüística da Universidade da Coruña).
- Mariño Paz, R. (2002): «A obra lingüística de Ricardo Carvalho Calero no marco da sua produción bibliográfica», em López, T. & Salinas Portugal, F. (eds.), *Actas do Simposio «Ricardo Carvalho Calero, Memoria do Século»* (A Coruña, 2000), 68-106 (A Coruña: Departamento de Galego-Portugués, Francés e Lingüística da Universidade da Coruña).
- Montero Santalha, J.-M (1993): *Carvalho Calero e a sua obra* (Santiago de Compostela: Laiovento).
- Rodríguez, J. L. (ed.) (2000): *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. 2 tomos (Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia & Universidade de Santiago de Compostela).